

Antologia  
Séc.XX

## INTRODUÇÃO

A linguagem de hoje procura usar palavras simples e objetivas, de forma que até as pessoas menos estudadas compreendam o conteúdo. Antigamente a linguagem era mais rebuscada e regrada; hoje em dia, a linguagem está mais livre e "solta".

A linguagem da modernidade tanto na estética quanto na vida social apresenta um anticonvencionalismo temático, e inovação dos conteúdos que encontra correspondência também nesta linguagem.

Além das inovações técnicas, a linguagem torna-se coloquial e espontânea, mesclando expressões da língua culta com termos populares, o estilo elevado com o estilo vulgar. Há uma forte aproximação com a fala, isto é, com a oralidade, e geralmente desejam denunciar a realidade como ela é, nua e crua.

Assim, liberto da escrita nobre, o artista volta-se para uma forma prosaica de dizer, feita de palavras simples e que, inclusive, admite erros gramaticais.

## **Eu não sei quantas almas tenho**

Eu não sei quantas almas tenho

Cada momento mudei.

Continuamente me estranho.

Nunca me vi nem acabei.

De tanto ser, só tenho alma.

Quem tem alma não tem calma.

Quem vê é só o que vê,

Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,

Torno-me eles e não eu.

Cada meu sonho ou desejo

É do que nasce e não meu.

Sou minha própria paisagem;

Assisto à minha passagem,

Diverso, móbil e só,

Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo  
Como páginas, meu ser.  
O que segue não prevendo,  
O que passou a esquecer.  
Noto à margem do que li  
O que julguei que senti.  
Releio e digo: “Fui eu?”  
Deus sabe, porque o escreveu.

### **Explicação:**

Podemos perceber como Fernando Pessoa era confuso sobre ele mesmo, falando várias vezes que ainda está se conhecendo, que ainda está conhecendo todos os seus sentimentos.

## **Presságio**

O amor, quando se revela,  
Não se sabe revelar.  
Sabe bem olhar pra ela,  
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente  
Não sabe o que há de dizer.  
Fala: parece que mente...  
Cala: parece esquecer...

Ah, mas se ela adivinhasse,  
Se pudesse ouvir o olhar,  
E se um olhar lhe bastasse  
Pra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;  
Quem quer dizer quanto sente  
Fica sem alma nem fala,  
Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe  
O que não lhe ousou contar,  
Já não terei que falar-lhe  
Porque lhe estou a falar...

## **Explicação**

O amor parece não saber dizer que ama. Quando amamos alguém nunca sabemos como agir na frente dessa pessoa e nem como nos declarar. Seria muito mais fácil se a pessoa simplesmente soubesse do sentimento da outra.

## Breve Biografia

Fernando António Nogueira Pessoa (Lisboa, 13 de junho de 1888 — Lisboa, 30 de novembro de 1935) foi um poeta, filósofo, dramaturgo, ensaísta, tradutor, publicitário, astrólogo, inventor, empresário, correspondente comercial, crítico literário e comentarista político português.

Fernando Pessoa é o mais universal poeta português. Por ter sido educado na África do Sul, numa escola católica irlandesa, chegou a ter maior familiaridade com o idioma inglês do que com o português ao escrever os seus primeiros poemas nesse idioma. O crítico literário Harold Bloom considerou Pessoa como "Whitman renascido", e o incluiu no seu cânone entre os 26 melhores escritores da civilização ocidental, não apenas da literatura portuguesa mas também da inglesa.

## **Andorinha - Manuel Bandeira**

Andorinha lá fora está dizendo:

— “Passei o dia à toa, à toa!”

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!

Passei a vida à toa, à toa...

### **Explicação**

A andorinha está feliz por não ter feito nada durante o dia enquanto o Eu Lírico está triste por passar uma vida inteira À toa, ou assim considerada. Como uma vida inteira sem ser vivida direito.

## **O Anel de Vidro**

Aquele pequenino anel que tu me deste,  
— Ai de mim — era vidro e logo se quebrou  
Assim também o eterno amor que prometeste, —  
Eterno! era bem pouco e cedo se acabou.

Frágil penhor que foi do amor que me tiveste,  
Símbolo da afeição que o tempo aniquilou,  
— Aquele pequenino anel que tu me deste,  
— Ai de mim — era vidro e logo se quebrou

Não me turbou, porém, o despeito que investe  
Gritando maldições contra aquilo que amou.  
De ti conservo no peito a saudade celeste  
Como também guardei o pó que me ficou  
Daquele pequenino anel que tu me deste

## **Explicação**

O amor é algo é algo muito frágil, como um anel de vidro. Podemos dizer que vamos amar alguém para sempre porém, não não controlamos nossos sentimentos e, no fim, tudo vira pó e cacos. Como um anel de vidro quebrado.

## **Breve Biografia de Manuel Bandeira**

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (Recife, 19 de abril de 1886 — Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1968) foi um poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro.

Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 1922 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema *Os Sapos* o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Gilberto Freyre, Clarice Lispector e Joaquim Cardoso, entre outros, representa o melhor da produção literária do estado de Pernambuco.

## **Amar - Carlos Drummond De Andrade**

Que pode uma criatura senão,  
entre criaturas, amar?

amar e esquecer,

amar e malamar,

amar, desamar,

amar?

sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,

sozinho, em rotação universal,

senão rodar também, e amar?

amar o que o mar traz à praia, o

que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,

é sal, ou precisão de amor,

ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,  
o que é entrega ou adoração expectante,  
e amar o inóspito, o cru, um vaso sem flor,  
um chão de ferro, e o peito inerte,  
a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.  
Este o nosso destino: amor sem conta,  
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,  
doação ilimitada a uma completa ingratidão,  
e na concha vazia do amor a procura medrosa,  
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor,  
e na secura nossa, amar a água implícita,  
e o beijo tácito,  
e a sede infinita.

## **Explicação**

O eu lírico mostra a necessidade de amar, que o sentido da vida é o amor e demonstra uma carência insaciável de mais e mais amor.

## **Não se mate - Carlos Drummond De Andrade**

Não se mate Carlos,  
sossegue,  
o amor é isso que você está vendo:  
hoje beija, amanhã não beija,  
depois de amanhã é domingo  
e segunda-feira ninguém  
sabe o que será.

Inútil você resistir ou mesmo suicidar-se.  
Não se mate, oh não se mate,  
Reserve-se todo para as bodas que ninguém sabe  
quando virão, se é que virão.

Inútil você resistir ou mesmo suicidar-se.  
Não se mate, oh não se mate,  
Reserve-se todo para as bodas  
que ninguém sabe quando virão,  
se é que virão.

O amor, Carlos,  
você telúrico, a noite passou em você,  
e os recalques se sublimando,  
lá dentro um barulho inefável,  
rezas,  
vitrolas,  
santos que se persignam,  
anúncios do melhor sabão,  
barulho que ninguém sabe  
de quê, praquê.

Entretanto  
você caminha melancólico e vertical.  
Você é a palmeira,  
você é o grito que ninguém ouviu no teatro  
e as luzes todas se apagam.  
O amor no escuro, não, no claro,  
é sempre triste, meu filho,  
Carlos, mas não diga nada a ninguém,  
ninguém sabe nem saberá.  
Não se mate

## **Explicação;**

O poema se trata sobre as dificuldades da vida, sobre as tristezas que passamos que ninguém entende. Ele diz que não podemos nos entregar pois a vida é assim, altos e baixos.

## **Eterna Presença– Mário de Andrade**

Este feliz desejo de abraçar-te,  
Pois que tão longe tu de mim estás,  
Faz com que te imagine em toda a parte  
Visão, trazendo-me ventura e paz.  
Vejo-te em sonho, sonho de beijar-te;

Vejo-te sombra, vou correndo atrás;  
Vejo-te nua, oh branco lírio de arte,  
Corando-me a existência de rapaz...  
E com ver-te e sonhar-te, esta lembrança  
Geratriz, esta mágica saudade,

Dá-me a ilusão de que chegaste enfim;  
Sinto alegrias de quem pede e alcança  
E a enganadora força de, em verdade,  
Ter-te, longe de mim, juntinho a mim.

## **Análise de poema:**

O poema demonstra a boa lembrança de um namoro, um dos dois jovens deve ter se mudado e deixado o amor em sua velha cidade, com tanto tempo longe começou a vê-la em todo o lugar e percebe o quanto queria ela por perto

## Poema: Poemas da Amiga – Mário de Andrade

Poemas da Amiga

A tarde se deitava nos meus olhos

E a fuga da hora me entregava abril,

Um sabor familiar de até-logo criava

Um ar, e, não sei porque, te percebi.

Voltei-me em flor.

Mas era apenas tua lembrança.

Estavas longe doce amiga e só vi no perfil da cidade

O arcanjo forte do arranha-céu cor de rosa, Mexendo

asas azuis dentro da tarde.

Quando eu morrer quero ficar,

Não contem aos meus amigos,

Sepultado em minha cidade,

Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,

No Paissandu deixem meu sexo,

Na Lopes Chaves a cabeça

Esqueçam.

No Pátio do Colégio afundem

O meu coração paulistano: Um coração vivo e um defunto

Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido

Direito, o esquerdo nos Telégrafos,

Quero saber da vida alheia

Sereia.

O nariz guardem nos rosais,

A língua no alto do Ipiranga

Para cantar a liberdade. Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá

Assistirão ao que há de vir,

O joelho na Universidade,

Saudade...

As mãos atirem por aí,

Que desvivam como viveram,

As tripas atirem pro Diabo,

Que o espírito será de Deus.

Adeus

## **Analise**

Primeira estrofe simplesmente fala da tarde em que ele percebeu a lembrança da amiga, a amiga dele estava longe e ele só viu na cidade um arranha céu cor-de-rosa, ela, a amiga, não podia ser vista dali, depois ele comenta em vários versos que ele quer ser sepultado na cidade natal, logo ele não esta na cidade natal.

## Biografia

Mário Raul Morais de Andrade (São Paulo, 9 de outubro de 1993 — São Paulo, 25 de fevereiro de 1945) foi um poeta, escritor, crítico literário, musicólogo, folclorista, ensaísta brasileiro. Ele foi um dos pioneiros da poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Pauliceia Desvairada* em 1922. Mario exerceu uma grande influência na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso—foi um pioneiro do campo da etnomusicologia—sua influência transcendeu as fronteiras do Brasil.

[1] Mário foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. Músico treinado e mais conhecido como poeta e romancista, Mario de Andrade esteve pessoalmente envolvido em praticamente todas as disciplinas que estiveram relacionadas com o modernismo em São Paulo, tornando-se o polímata nacional do Brasil.

Mário foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. Músico treinado e mais conhecido como poeta e romancista, Mario de Andrade esteve pessoalmente envolvido em praticamente todas as disciplinas que estiveram relacionadas com o modernismo em São Paulo, tornando-se o polímata nacional do Brasil.

Suas fotografias e seus ensaios, que cobriam uma ampla variedade de assuntos, da história à literatura e à música, foram amplamente divulgados na imprensa da época. Andrade foi a força motriz por trás da Semana de Arte Moderna, evento ocorrido em 1922 que reformulou a literatura e as artes visuais no Brasil, tendo sido um dos integrantes do "Grupo dos Cinco". As ideias por trás da Semana seriam melhor delineadas no prefácio de seu livro de poesia *Pauliceia Desvairada* e nos próprios poemas.

## **Retrato - Cecilia Meireles**

Eu não tinha este rosto de hoje,  
Assim calmo, assim triste, assim magro,  
Nem estes olhos tão vazios,  
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
Tão paradas e frias e mortas;  
Eu não tinha este coração  
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
Tão simples, tão certa, tão fácil:  
— Em que espelho ficou perdida a minha face?

### **Explicação:**

A autora do poema transpassa através de versos melancólicos as mudanças que sofreu com o tempo, a mesma narra diferenças tanto em sua aparência física, como na psicológica.

## Motivo- Cecilia Meireles

Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,  
Atravesso noites e dias no vento.

Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço,  
— não sei, não sei.  
Não sei se fico ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
— mais nada.

## **Biografia**

Cecília Meireles (1901-1964) foi poetisa, professora, jornalista e pintora brasileira. Foi a primeira voz feminina de grande expressão na literatura brasileira, com mais de 50 obras publicadas. Com 18 anos estreia na literatura com o livro "Espectros".

Participou do grupo literário da Revista Festa, grupo católico, conservador e anti-modernista. Dessa vinculação herdou a tendência espiritualista que percorre seus trabalhos com frequência.

## **Biografia de Carlos Drummond De Andrade**

Drummond nasceu na cidade de Itabira, em Minas Gerais. Sua memória dessa cidade viria a permear parte de sua obra. Seus antepassados, tanto do lado materno como paterno, pertencem a famílias de há muito tempo estabelecidas no Brasil. Posteriormente, foi estudar no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte, e no Colégio Anchieta, dos jesuítas, em Nova Friburgo. [5] Formado em farmácia pela Universidade Federal de Minas Gerais, com Emílio Moura e outros companheiros, fundou "A Revista", para divulgar o modernismo no Brasil. Em 1925, casou-se com Dolores Dutra de Moraes, com quem teve dois filhos, Carlos Flávio, que viveu apenas meia hora e a quem é dedicado o poema "O que viveu meia hora", presente em Poesia completa, Ed. Nova Aguilar, 2002), e Maria Julieta Drummond de Andrade.

## Grupo 3A

Ana Beatriz Alcantâra

Giovanna Sanson

Juliane Andrade

Laura Passos Soares

Luan Gabriel

Stephany Cristine Couto